



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DO TOCANTINS**

**MARILEX DOS SANTOS VIANA**

**BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS: ABORDAGENS  
HISTÓRICAS E CULTURAIS NO POVOADO REMANESCENTE DE  
QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE, REGIÃO DO TOCANTINS**

**UFPA/CUNTINS-CAMETÁ**

**2013**

**MARILEX DOS SANTOS VIANA**

**BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS: ABORDAGENS  
HISTÓRICAS E CULTURAIS NO POVOADO REMANESCENTE DE  
QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE, REGIÃO DO TOCANTINS**

**UFPA/CUNTINS-CAMETÁ**

**2013**

**MARILEX DOS SANTOS VIANA**

**BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS: ABORDAGENS  
HISTÓRICAS E CULTURAIS NO POVOADO REMANESCENTE DE  
QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE, REGIÃO DO TOCANTINS**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado  
a Faculdade de História /UFPA- Campus  
Universitário do Tocantins como um dos pré-  
requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura  
Plena em História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>.  
Benedita Celeste de Moraes Pinto.**

**CAMETÁ-PA**

**2013**

**MARILEX DOS SANTOS VIANA**

**BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS: ABORDAGENS  
HISTÓRICAS E CULTURAIS NO POVOADO REMANESCENTE DE  
QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE, REGIÃO DO TOCANTINS**

---

**Prof. Dr. José Pedro P. Garcia**  
**Membro da Banca**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto**  
**Orientadora**

**CAMETÁ - PA**  
**2013**

A minha família que sempre está no meu lado, apoiando, incentivando e respeitando as minhas decisões.

“A criança ouve com prazer os episódios da infância dos avós que, à força de serem evocados, chegaram a formar um quadro com certa harmonia” (Ecléa Bosi, 1994).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela vida e por ter me conduzido a fazer as escolhas certas na minha pesquisa. Depois agradeço a professora Doutora Benedita Celeste de Moraes Pinto, minha orientadora, que me ajudou a desenvolver a escrita do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), de maneira séria, competente e dedicada, suas exigências me fizeram compreender a seriedade de um trabalho de pesquisa e da responsabilidade que temos que ter enquanto futuros profissionais.

Meus agradecimentos especiais vão para a minha família. Ao meu marido, Aquiles Moia de Sá Junior, que sempre paciente e compreensível esteve do meu lado em momentos difíceis durante meu curso. A minha mãe, Maria Estelita dos Santos Viana, que se prontificou a cuidar do meu filho pequeno durante minhas aulas. Ao meu pai, Alex Tenório Viana, que junto com minha mãe sempre me aconselham a seguir em frente e nunca desistir de nada, para que eu alcance meus objetivos, porém de maneira humilde e sempre lembrando de seus ensinamentos. A todos vocês o meu muito obrigado!

Agradeço aos meus filhos, Marcos Henrique Viana de Sá e André Luis Viana de Sá, por me proporcionarem através, de seus sorrisos, carinho e brincadeiras, momentos felizes, alegres e divertidos nos dias que minha mente estava direcionada aos trabalhos acadêmicos. Esses momentos, de certa forma, fizeram com que eu relaxasse e que todo estresse provenientes da carga de leitura aliviasse. Obrigada meus filhos!

Agradeço ao Curso de História da UFPA/Campus Universitário do Tocantins, que me proporcionou descobrir novos horizontes, a ser mais crítica para o mundo e a compreender os acontecimentos históricos com outro olhar. Durante este curso vivenciei momentos de angústia, de alegria e de tristeza que me fizeram fortalecer e renovar meus objetivos.

Agradeço aos mestres e doutores que formam a equipe docente da Faculdade de História do Tocantins-FACTHO/CUNTINS-Cametá, pelas aulas ministradas de forma competente, sei e acompanhei seus esforços em qualificar profissionais para o mercado de trabalho e para a vida

Registro aqui o meu agradecimento carinhoso para todos os meus colegas do Curso de História, Turma 2009 – Cametá, em especial para Leilane Silva, Elizângela Sabóia, Micilene Souza, Susana Braga, Adalton Pantoja, José Maria Martins, Lourdiane,

Edjane, Franciney e Marivaldo, com os quais no decorrer do curso construí uma amizade de respeito e afeição. Vou guardar em minha lembrança e no meu coração essas pessoas que fizeram parte da minha história de vida. Espero manter esse laço de amizade por muito tempo.

Aos moradores do Povoado de Porto Alegre externo os meus agradecimentos mais do que especiais. Estas pessoas me receberam de braços abertos, mesmo sem me conhecer, acreditaram e confiaram nos meus objetivos de pesquisa, e contribuíram muito para que ela fosse concluída. Fiz ali muitos amigos, mas tenho um carinho muito especial pela professora Herondina Soares Gonçalves, que me hospedou em sua residência, pela dona Elizia Alexandrina Soares e pelas senhoras Maria Francisca Prestes e Santinha do Nascimento, exemplos de mulheres guerreiras e guardiãs da memória dos habitantes desta povoação, cujas lembranças da infância me ajudaram a construir muitas das análises do presente estudo. A todos vocês vai os meus mais sinceros agradecimentos!

## RESUMO

O presente trabalho, *Brincadeiras e Brinquedos Tradicionais: abordagens históricas e culturais no Povoado Remanescentes de Quilombolas de Porto Alegre, Região do Tocantins*, tem como objetivo analisar os tipos de brincadeiras e brinquedos de crianças remanescentes de quilombolas do povoado de Porto Alegre, localizada à 45 km da cidade de Cametá, tentando identificar que transformações e adaptações sofreram diante das novas práticas de brincar, destacando os jogos eletrônicos. Metodologicamente, primeiro se realizou um extenso levantamento bibliográfico, que conduziu a uma melhor compreensão de vários âmbitos das discussões que foram travadas sobre a temática em estudo, proporcionando um olhar mais abrangente sobre a história da criança em épocas passadas, e como eram tratadas pela sociedade. Posteriormente, através da pesquisa de campo se realizou entrevistas e conversas informais com pessoas mais velhas e crianças do Povoado de Porto Alegre, quando foram coletados vários relatos sobre as maneiras que se brincava antes, comparando como se brinca hoje. Partindo da memória e da experiência vivida dos mais antigos habitantes do povoado, foi possível constatar, através da pesquisa, modos de vidas e antigas tradições culturais transmitidas de geração a geração, que os brinquedos e brincadeiras muitas vezes são modificados e aperfeiçoados ao contexto atual. Neste sentido, diante das transformações ocorridas na sociedade em que jogos e brinquedos eletrônicos vêm superando antigas brincadeiras, foi relevante analisar a partir da observação, da convivência e das entrevistas realizadas com as crianças de Porto Alegre como os brinquedos e jogos eletrônicos se entrelaçam com as brincadeiras tradicionais no meio rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brinquedos, Brincadeiras; Crianças, quilombolas.

## SUMÁRIO

Considerações Iniciais	11
Capitulo I	
Considerações Sobre a Infância no Brasil	17
1.1. O Cotidiano Infantil: aspectos históricos	18
1.2. Relação Cultural entre a Criança, o Brinquedo e as Brincadeiras	25
1.3. Brinquedos, Jogos e Brincadeiras Antes e Agora	28
Capitulo II	
Brincadeiras e Brinquedos Tradicionais: significados e simbologias no Povoado Remanescente de Quilombolas de Porto Alegre	33
2.1. Povoado Quilombola de Porto Alegre: traçando algumas abordagens históricas e culturais	34
2.2. Recordações da Infância: Ato de Brincar no Povoado de Porto Alegre	40
2.3. Brinquedos de Infância: Tradição e Memória	47
2.4. Cantigas de Roda: para cantar e brincar	56
Considerações Finais	59
Fontes Utilizadas na Pesquisa	62
Referências Bibliográficas	63

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho de pesquisa o qual me propus desenvolver iniciou no ano de 2011, quando me tornei bolsista voluntária da pesquisa *Inclusão no Processo Ensino-Aprendizagem a Partir da Reconstituição da História, Memória e Cultura Quilombola na Região do Tocantins, no Pará*, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto, para desenvolver atividades do plano de trabalho *Entre Cantigas de Rodas e Jogos Eletrônicos: brinquedos e brincadeiras de crianças quilombolas na região do Tocantins*, me identifiquei logo com o tema, pois envolvia crianças remanescentes de quilombolas, e por já ter trabalhado durante sete anos com educação infantil fiquei fascinada, visto que o universo infantil me chama muita atenção.

Inicialmente recebi uma proposta da Prof. Celeste Pinto de organizar uma oficina na vila de Carapajó com o tema **Brinquedos, Brincadeiras e Jogos Eletrônicos: adaptações no modo de brincar** para ser ministrada no *I Seminário Internacional de Relações Raciais na Amazônia: Memória, Cultura e Linguagem* & na *III Semana da Consciência Negra do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá*, eventos que aconteceram simultaneamente nos dias 16 a 19 de Novembro de 2011. Ressalto que as atividades de abertura desses eventos aconteceram no dia 16 de novembro, com a participação de acadêmicos (as) dos cursos de História, Pedagogia e Letras do Campus Universitário do Tocantins, que ministraram mini cursos e oficinas nas vilas de Carapajó e Juaba, no Município de Cametá.

A oficina **Brinquedos, Brincadeiras e Jogos Eletrônicos: adaptações no modo de brincar** foi realizada na vila de Carapajó, para um público alvo constituído por 46 alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries da Escola Eurico Gaspar Dutra, que se inscreveram livremente para participar. A oficina tinha como objetivo mostrar para esses alunos a importância de se lembrar e reviver as brincadeiras e brinquedos tradicionais, que vem desde nossos antepassados, buscando também ampliar o universo lúdico e cultural das crianças. Além de identificar que mudanças ocorreram na forma de brincar dos alunos, essa oficina foi de suma importância para mim, pois conheci quais brinquedos tradicionais e brinquedos

modernos eram utilizados por eles, e assim vislumbrei analisar as mudanças que ocorreram na forma de brincar e que reflexão os alunos faziam a partir de sua realidade.

Sabe-se que as crianças, assim como suas famílias, trazem consigo uma bagagem cultural que as diferenciam da realidade para onde se mudam. Nesse sentido, essas crianças conseguem incorporar em seu repertório muitos elementos culturais das pessoas e do meio aonde vão sendo inseridas, e como as mesmas podem contribuir na formação de criança e jovens (RODRIGUES, 2009).

A partir dessa oficina, decidi reformular seus objetivos e adaptei em uma proposta de pesquisa para utilizar neste trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A partir daí iniciei um extenso levantamento bibliográfico sobre o assunto. Procurei aprofundar meus estudos para tentar compreender mais sobre as brincadeiras e os brinquedos tradicionais, tentando verificar as possíveis conexões com os atuais. Para tanto, busquei auxílio teórico metodológico através de vários autores, que de forma reflexiva, analítica e teórica me ajudaram entender questões conceituais sobre a infância e sobre os brinquedos e o ato de brincar em diversos períodos da história.

Destes autores destaco Del Priore (1999), Marcilio (1997), Ramos (1999), Aires (1981), Benjamin (2002), Julita Scarano (1996), Altman (1996), Cristina Von (2001), Bertoldo e Ruschel (2011), Meyer Borba (2005), Meira (2003), Kramer (2003), Leite (2003), Vygotsky (1991), além dos autores, cujas análises me ajudaram a caminhar nesta pesquisa, através da leitura e análise de artigos, revistas eletrônicas, documentárias e dicionário online.

Destaco que a primeira viagem de pesquisa de campo no povoado de Porto Alegre aconteceu no dia 14 de Junho de 2013, lembro-me que acordei bem cedo, ao som dos fogos da alvorada que indicavam o início da festa de São João Batista, padroeiro de Cameté. Ressalto que nesse dia não foi fácil chegar ao Porto Alegre, devido as péssimas condições da estrada Trans Cameté Tucuruí, um verdadeiro lamaçal, causado pela má conservação e pelas intensas chuvas que caíam na região.

A viagem durou quase cinco horas, cujo percurso pela estrada Trans Cameté Tucuruí e pelo ramal do povoado de Porto Alegre foi feito de motocicleta, com um motoqueiro bastante experiente. Foi uma verdadeira aventura, enfrentei grandes poças de lama e corri muito risco, houve momentos que me senti participando de um rali, para poder chegar neste povoado.

Contudo, mesmo sabendo das dificuldades que iria enfrentar, não desisti, minhas aspirações de realizar a pesquisa, a bela paisagem e o nascer do sol que nos acompanhava, fortalecia cada vez mais a vontade de fazer o meu trabalho. Ao chegar próximo do povoado me deparei com um igarapé belíssimo de água clara e gelada, o Anuerá, paramos para lavar nossos pés e retirar o barro duro que estava grudado na motocicleta. Ao chegar no povoado de Porto Alegre fui logo ao encontro do professor responsável pela escola desta povoação Prof. Rodinilson.Gonçalves Soares, a quem eu já havia apresentado a minha proposta de pesquisa e combinado o dia da minha visita.

Os alunos, assim como os professores, me receberam de forma bastante hospitaleira. Era hora da saída da escola e as crianças achavam que iriam tomar vacina, foi um momento engraçado, elas corriam de um lado para outro, sem saber o que realmente eu estava fazendo ali. Então me apresentei e expôs os objetivos da minha pesquisa para os professores, alunos e demais pessoas que estavam na escola.

Acompanhada pela professora Herondina Soares Gonçalves, devido a ausência do professor Rodinilson, visitei algumas casas e conheci, observei o cotidiano dos moradores, cujas lembranças fazem insurgir da memória dos bisavós, avós, pais e das crianças tempos de uma infância muito feliz, apesar do trabalho pesado que executam no dia a dia da lida na roça.

Minha segunda viagem de pesquisa de campo aconteceu no dia 09 de Agosto de 2013, nesta ocasião sai de Cametá, no ônibus que faz viagem todos os dias até o povoado de Porto Alegre, as 11:00 horas, desta vez a viagem foi bastante tranqüila. Primeiro me dirigi até a residência do Sr. Cristovão Soares Gonçalves, 45 anos, morador e Agente de Saúde deste povoado há 17 anos, que me repassou documentos recentes do ano de 2013, da Secretaria Municipal de Saúde e Controle do Sistema de Informação de Atenção Básica, já com dados atualizado da população local. Além de realizar entrevistas com pessoas idosas e crianças da povoação.

Desta forma, ao realizar a coleta de dados para este trabalho, me acerquei de um razoável numero de fonte bibliográfica, fontes escritas, objetos da cultura material, fotografias e relatos orais, imprescindível para a composição deste trabalho. Paul Thompson fala do uso das fontes orais durante os séculos, e a utilização dessas fontes por historiadores para compreensão do passado. Segundo este autor, as fontes escritas dominavam as produções historiográficas, entretanto a historia oral influenciou em vários campos, em alguns aspectos há uma diversidade de documentação, ficando assim as

fontes orais limitadas. Contudo, por mais que se tenha perdido ou omitido qualquer tipo de documentação, as entrevistas são utilizadas para colher informações, assim como, a importância das evidências que podem ser aplicadas em outras atividades com mais clareza do que as fontes documentais (THOMPSON, 1992, p. 105, 106).

Nas análises de Thompson, o uso das evidências orais passa a ter um valor importante para os historiadores, considerando novas abordagens, novos métodos nas produções historiográficas, a história dos pequenos grupos passou a ser analisada e ganhou destaque nas produções, as análises históricas são construídas a partir de vestígios deixadas por gerações anteriores que caracteriza uma coletividade de experiência e vivência (THOMPSON, 1992, p. 105, 106).

Neste sentido, através das entrevistas, as quais foram transcritas e muitas foram utilizadas no presente trabalho, foi possível entender como se brincava antigamente, quais os brinquedos que eram utilizados e os produzidos pelas próprias crianças. Nas rodas de conversas informais pude observar quanto ficava visível nas expressões dos mais velhos, na simplicidade em contar suas histórias, a importância de reviver momentos tão felizes de suas infâncias, de seus pais e avós.

Observando as práticas e saberes na povoação remanescente de quilombolas de Porto Alegre, é possível verificar os percursos atuais da tradição e da cultura quilombola, quando os mais velhos tentam manter vivas as práticas dos seus ancestrais, e passam a gerações futuras para que não se apaguem, não sejam esquecidas.

Desta forma, o presente estudo está composto em dois capítulos. O primeiro capítulo **Considerações sobre a Infância no Brasil** traz indícios do dia a dia das crianças durante os séculos anteriores, e como eram tratadas pela sociedade da época, além das concepções e conceitos a respeito de brincadeiras infantis.

O segundo capítulo, **Brincadeiras e Brinquedos Tradicionais: significados e simbologias no Povoado Remanescente de Quilombolas de Porto Alegre**, apresenta através de entrevistas e relatos orais dos moradores do povoado de Porto Alegre, tipos de brinquedos e brincadeiras que marcaram a infância dos seus habitantes, e o que mudou na maneira de brincar e como isso é visto pelos mais velhos.

Partindo da memória e da experiência vivida dos mais antigos habitantes do povoado de Porto Alegre, foi possível constatar através da pesquisa modos de vidas e antigas tradições culturais transmitidas de geração a geração, que os brinquedos e brincadeiras muitas vezes são modificados e aperfeiçoando ao contexto atual. Desta maneira, diante das

transformações ocorridas na sociedade em que jogos e brinquedos eletrônicos vêm superando antigas brincadeiras, foi relevante analisar a partir da observação, da convivência e das entrevistas realizadas com crianças como os brinquedos e jogos eletrônicos se entrelaçam com as brincadeiras tradicionais no meio rural.



Imagem 1: Desenho da Povoação de Porto Alegre de autoria de uma aluna da EMEF de Porto Alegre. Fonte: Acervo didático da Escola do Povoado de Porto Alegre, 2012.

## CAPITULO I

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA NO BRASIL.

## 1.1. O COTIDIANO INFANTIL: ASPECTOS HISTÓRICOS

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume em ser alguém que não é, mas, que se tornará adulto, no dia em que deixar de ser criança. Reconhecemos o que é específico da infância, seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura (KRAMER, 2003, p.15).

Um dos aspectos que os estudos de Kramer (2003) apontam é sobre a cultura infantil, compreendida a partir de sua complexidade, as crianças produzem sua cultura e são produzidas na cultura em que se insere em seu espaço, de seu tempo, dão sentido ao mundo e produzem história (KRAMER, 2003, p.16).

Toda criança faz parte de um grupo social, seu comportamento é estabelecido através dos costumes, dos hábitos, dos valores, práticas sociais e nos significados que dão à pessoas, coisas e às relações. Partindo dessa visão, é bom compreendermos que, a singularidade infantil oportuniza um estudo mais aprofundado sobre a interação e socialização das crianças das diferentes classes sociais, mantendo contato com outras culturas e criando um espaço de respeito às diversidades (KRAMER, 2003, p.17).

A infância, segundo Del Priore (1999), por muito tempo esteve marcada pelas violências ocultas, foram violências sexuais, exploração da mão-de-obra, epidemias, doenças e outros males que afetavam os menores, sendo vulneráveis e que eram percebidas de maneira superficial pela sociedade. Na infância não se distinguiam do mundo dos adultos, não havia restrições e eram tratadas como adultas, sua inocência era ignorada, dessa forma, poderiam compartilhar das conversas e gestos obscenos e estarem sempre presentes nos espaços onde estivessem os adultos (DEL PRIORE, 1999).

Segundo Áries, no século XVII, os adultos acreditavam que se as crianças fossem muito pequenas, esses gestos não teriam consequências, pois se neutralizariam, e se fossem maiores esses jogos não seriam feitos com segundas intenções, pois eram apenas brincadeiras. (ÁRIES, 1981, p.128). Além da freqüente presença das crianças no cotidiano dos adultos, não havia um carinho especial, o convívio entre pais e filhos se estabelecia através de limitações que ocasionava certo afastamento da infância,

provocando assim uma precoce fase adulta. O trabalho era tarefa importante na vida das crianças, aprendiam os ofícios que eram impostos por seus pais (ÁRIES, 1981).

Na concepção de Maria Luiza Marcilio (1997), dentre as várias situações pelas quais as crianças eram submetidas, ocorria ainda entre os séculos XVI a XVIII, o abandono de crianças. Muitas das crianças abandonadas necessitavam de amas de leite, pois eram deixadas nas portas de casas e igrejas, e até mesmo pelas ruas, com a demora do resgate, muitas delas morriam de frio e fome. O abandono se dava pela falta de alimentos recorrente da pobreza pela qual passavam algumas famílias, e também por mães solteiras que sem condições de criarem seus filhos entregavam ou depositavam na roda dos expostos<sup>1</sup> para serem criadas por monges ou famílias caridosas (MARCILIO (1997).

Segundo Marcilio, a roda dos expostos foi o primeiro programa de assistência a criança, surgiu durante a idade média na Itália e logo se espalhou para outros continentes. Eram cilindros rotatórios de madeira que vinham dos átrios ou vestíbulos de mosteiros e de conventos medievais, usados então como meio de enviar objetos, alimentos e mensagens aos seus residentes. Rodava-se o cilindro e as mercadorias iam para o interior da casa, sem que os internos vissem quem os deixaria, a finalidade era a de se evitar todo contato dos religiosos enclausurados com o mundo exterior. (MARCILIO, 1997, p. 57).

Posteriormente a roda passou a ser fixada nos muros de hospitais e conventos, e as crianças que lá eram depositadas, eram batizadas e recebiam toda assistência. No Brasil, durante o período colonial, no século XVIII, foram instaladas rodas nas três principais cidades: Salvador, depois Rio de Janeiro, e por último, no Recife. Antes das rodas, os bebês, que deveriam ser cuidados pelas municipalidades, acabavam na verdade, sendo criados por famílias, por caridade ou porque tinham interesse na mão de obra gratuita da criança quando ela crescesse (MARCILIO, 1997, p. 54).

As instituições de caridades buscavam, através das oficinas de sapateiro, ferreiro e caixeiro promover um ofício ou ocupação para os meninos a partir dos 7 anos, outra

---

<sup>1</sup>A roda dos expostos foi uma das instituições brasileiras de mais longa vida, criada no Brasil colonial, passando pelo período imperial e conseguindo manter-se durante a República e somente na década de 50 foi extinta em definitivo, esse sistema era uma forma de preservar o expositor no anonimato, aquele que depositava nela o bebê enjeitado. Também, uma forma de estimular que mais bebês fossem para a roda e que, não fossem largados nas ruas ou nas matas (MARCILIO, 1997, P: 53-54).

possibilidade era as Companhias de Aprendizes Marinheiros e de Arsenal de Guerra, as meninas eram encaminhadas as casas dos senhores para trabalharem como empregada domestica (MARCILIO, 1997, p.76).

Assim como, a história das crianças abandonadas, outro universo infantil passava por sofrimentos, tragédias e todo tipo de humilhações possíveis pelo qual eram submetidas, eram as crianças que faziam parte das embarcações ultramarina. Essas crianças, de famílias pobres eram recrutadas ou retiradas de seus laços familiares pela coroa portuguesa para trabalharem nas embarcações (RAMOS, 1999, p. 26).

A bordo dos navios as crianças eram classificadas por categorias chamadas de grumetes (aprendizes de marinheiro), os pagens (serviam e cuidavam das coisas dos marinheiros), as órfãs do rei (retiradas dos orfanatos para serem levadas ao Brasil) e os miúdos, como condição de passageiros acompanhados pelos seus pais ou parentes (RAMOS, 1999, p. 27).

Segundo Ramos, os grumetes que tinham entre 10 a 14 anos faziam todo trabalho pesado e perigoso e todas as tarefas eram destinados a eles, sua condição de vida era as piores possíveis, sofriam abusos sexuais constantemente, recebiam alimentos de péssimas qualidades e até mesmo em estado de decomposição, bebiam água armazenada em barril empestado de microorganismos, ocasionando assim varias doenças, além de uma má alimentação, os grumetes dormiam no convés das embarcações, e lá ficavam expostas ao frio e ao sol, ficavam debilitadas e eram vitimadas pela pneumonia e queimaduras do sol (RAMOS, 1999, p. 27).

Outra forma de recrutamento dos grumetes era raptar crianças judias de seus familiares, esse método era utilizado como forma de manter sob controle o crescimento das populações judaicas em Portugal, em torno do difícil cotidiano, os grumetes eram obrigados a abandonar rapidamente o universo infantil para enfrentar uma realidade da vida adulta (RAMOS, 1999, p. 27).

Fabio Pestana Ramos, ao descrever a triste história das crianças nas embarcações, nos leva a refletir sobre um passado carregado de tanto sofrimento que passavam as crianças, eram esquecidas e desprezadas pelos adultos, sua infância era substituída pelo trabalho pesado, aproveitavam de sua inocência para praticarem os mais terríveis atos, sem falar nos castigos físicos que enfrentavam (RAMOS, 1999).

Nas palavras de Ramos, fica difícil imaginar a situação que se encontravam os menores, enclausurados em uma embarcação sem terem para onde correrem ou pedirem

ajuda, dias e noites a mercê de uma sorte que era imposta pela sociedade e se consumava diante de tantas dificuldades que passavam as famílias dos jovens e crianças presentes nas navegações, o futuro dos menores era incerto, seus dia a dia estavam voltados às tarefas e obrigações (RAMOS, 1999).

Apesar da difícil vida que levavam nas embarcações, os grumetes acreditavam que, teriam oportunidade de fazer carreira na marinha e de conseguir uma posição privilegiada na sociedade, dessa forma adquiriam responsabilidades precocemente. Diferente dos grumetes, os pagens eram encarregados dos serviços mais leves como, serviam as mesas dos oficiais, arrumavam os camarotes e camas e eram dificilmente castigados (RAMOS, 1999, p. 28).

Enquanto as órfãs “Del Rei” eram meninas pobres de 14 a 17 anos que moravam em orfanatos de Lisboa e Porto, eram enviadas ao Brasil a fim de amancebarem-se com os nativos, haja vista que, havia falta de mulheres brancas nas possessões portuguesas, sendo uma forma de amenizar o problema da constituição de famílias. Além das diversas dificuldades e riscos que passavam as crianças que não tinham experiência marítima, acabavam caindo ao mar e não tinham nenhuma chance de serem salvas. Muito sofrimento era quando ocorria um naufrágio, as poucas crianças que conseguiam sobreviver eram vítimas da fome e do cansaço, e com o trauma psicológico dificilmente conseguiam sobreviver em terra (RAMOS, 1999, p. 32).

Mary Del Priore destaca a importância dos meninos órfãos de Portugal, que contribuíram na catequese, estes tinham uma facilidade de aprender a língua tupi e atraíam os jovens índios com suas músicas que eram utilizadas como instrumento para absorverem os valores cristãos, pois através das músicas aprendiam as ladainhas, canto de missas e das procissões (DEL PRIORE, 1999).

Desta forma, além das músicas, as crianças órfãs ensinavam aos pequenos índios brincadeiras do reino, as quais eram gradativamente absorvidas pelos índios. Além das brincadeiras as crianças utilizavam para brincar objetos do dia a dia dos índios como arco e flechas, outra forma de brincar era através de mímicas feito de trechos declamados (DEL PRIORE, 1999, p. 98). A brincadeira de mímica era bastante utilizada, pois estudos demonstravam que as expressões corporais estimulavam a criatividade, o movimento e a atenção das crianças e que essas expressões deviam ser estimuladas.

Desta forma, no momento das brincadeiras havia troca de saberes entre as crianças indígenas e os órfãos de Portugal, os pequenos índios ficavam encantados com

instrumentos europeus como a gaita e o tamborim, por outro lado, os órfãos eram seduzidos pelos brinquedos confeccionados de barro, pano e madeira. No século XVI as brincadeiras estavam voltadas para a vida natural como os banhos de rio e passeio no mato, qualquer movimento na natureza fazia parte da descoberta do pequeno índio (DEL PRIORE, 1999, p. 98).

Madeira, ossos, tecidos, argila, representavam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando os brinquedos era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos (BENJAMIM, 2002, p. 92)

Raquel Zumbana Altman argumenta que no ciclo da vida a criança é seu próprio brinquedo, a mãe é seu brinquedo, o espaço que a cerca, tudo é brinquedo, tudo é brincadeira. Os indiozinhos também se divertem brincando de imitar seus pais, sendo assim uma forma de se prepararem para a vida adulta, os brinquedos indígenas possuíam uma forte tradição cultural, como por exemplo, os “licocós” dos índios Carajás com grandes seios e nádegas, que imitava uma mulher adulta. Os “licocós” eram pequenos bonecos feitos de argila que mostram as várias atividades dos povos através da arte indígena (ALTMAN, (1996).

A partir da fusão entre as culturas indígenas, portuguesas e africanas, vieram também outras formas de brincar, algumas ganharam novos significados outras mantiveram sua tradição, como é o caso das crianças que viviam nos quilombos nas Minas Gerais. O modo de viver e de educar as crianças seguia os costumes de seus ancestrais, seu dia a dia em contato com a natureza proporcionava a elas a liberdade de brincar utilizando o que possuíam ao seu redor, transformavam objetos que lhe chamavam atenção em brinquedos (JULITA SCARANA, 1996).

. No século XVIII vários agrupamentos começaram a se formar, eram portugueses, africanos e indígenas que levavam consigo as crianças, as quais eram alvo fácil durante os ataques aos quilombos, muitas eram assassinadas ou aprisionadas. Além da grande violência contra as crianças, elas eram atingidas pelas doenças trazidas pela sujeira e miséria, como a varíola, malária e sarna que eram doenças que também assolavam os quilombos (SCARANO, 1996, p. 130).

Segundo as afirmações de Julita Scarano, a importância da criança era vista como secundária, a morte não era encarada como tragédia, outras crianças poderiam nascer substituindo as que se foram (JULITA SCARANA, 1996).

Mary Del Priore destaca que no cotidiano colonial o castigo das crianças não era nenhuma novidade. Entretanto, os povos indígenas desconheciam o ato de bater em crianças, a correção era vista como forma de amor (DEL PRIORE, 1999).

O “muito mimo” devia ser repudiado, fazia mal aos filhos, o amor de pai devia inspirar-se naquele divino no qual Deus ensinava que amar é castigar e dar trabalhos nesta vida. Vícios e pecados, mesmo cometidos por pequenos, deviam ser combatidos com “acoites e castigos” (DEL PRIORE, 2004, p. 96-97).

No final do século XIX, o trabalho infantil continuou sendo visto pelas camadas subalternas como a “melhor escola”. O trabalho, explicava uma mãe pobre, é uma distração para a criança. O trabalho começava cedo para as crianças, a partir dos quatro anos, aos doze anos eram consideradas pela sociedade da época como aptas a fazer parte do mercado de trabalho, ou seja, “pequenas e precoces máquinas de trabalho” (DEL PRIORE, 1999. p, 26).

Neste sentido, pode-se afirmar que em determinados períodos da nossa história a criança teve sua infância violada, ora por uma sociedade voltada apenas ao capital e ao trabalho, ora por uma sociedade machista e perversível, a trajetória desses seres inocentes respinga hoje em nossa sociedade, porém de uma maneira mais branda. A criança hoje possui toda assistência, o direito de brincar e de se expressar permitiu que elas conquistassem seu (BERTOLDO E RUSCHEL, 2001).

Muitas pesquisas direcionadas a infância nos levam a compreender melhor o mundo das crianças que é tão maravilhoso, alertando e instruindo em vários âmbitos como lidar com as crianças em diversas fases de sua vida. A infância passa a exercer um papel importante para a sociedade atual, os cuidados com as crianças na área educacional, social e na área da saúde tende a proporcionar um melhor desenvolvimento (BERTOLDO E RUSCHEL, 2001).

Atualmente, os brinquedos são utilizados como mecanismo direcionado ao aprendizado das crianças e percebe-se que os pais participam e interage com elas em um

relacionamento de afeto, companheirismo e amizade, de uma forma que, em períodos anteriores, não eram percebidos como algo importante na formação das crianças.

Observa-se que os produtos direcionados as crianças, como brinquedos, roupas, sapatos e assessores fazem parte de um mercado que tende a satisfazer as necessidades das crianças. Podemos encontrar uma diversidade muito grande de brinquedos, que antigamente não se tinha, da mesma forma, a facilidade de adquirir tais brinquedos também se tornou acessível. Contudo, apesar da variedade de brinquedos, as crianças brincam dentro de suas próprias casas, suas famílias passaram a adquirir esse hábito a partir do momento em que a violência, os assaltos e outros problemas que afetam a sociedade passaram a se intensificar, principalmente nos grandes centros urbanos.

Entretanto, é importante destacar que em muitas regiões do nosso Brasil, em especial a região Amazônia ainda há uma particularidade na maneira das crianças brincarem, tanto as ribeirinhas, quanto as indígenas e quilombolas, pois o ambiente em que elas vivem é muita natural. Elas utilizam às árvores, os igarapés, as matas como seus ambientes de brincadeiras e objetos de brinquedos, sempre estão livres para brincar sem necessitar do auxílio de algum brinquedo mais sofisticado (CARVALHO, 2006).

O sorriso largo da criança, o olhar sapeca de quem está se divertindo, é um apelo, um olhar que conquista e seduz quem está por perto, e que parece estar convidando quem está de fora, a entrar na brincadeira junto com ela (CARVALHO, 2006, p.257). Isso tudo faz com que o povo brasileiro seja reconhecido no mundo inteiro pela sua criatividade e beleza, pela alegria incondicional e pelo seu poder de invenção e transformação. Nos tempos atuais estes valores são cada vez mais raros e precisam ser cultivados e preservados desde a infância, para que nossas crianças possam estar seguras de quem são e da importância que têm na criação de um mundo mais leve, colorido e sustentável (<http://www.espacoimaginario.com/cultura-da-infancia>).

## **1.2. RELAÇÃO CULTURAL ENTRE A CRIANÇA, O BRINQUEDO E AS BRINCADEIRAS.**

É importante destacar que, assim como outros objetos de estudo, a história dos brinquedos também se destacou nos meios acadêmicos, o cruzamento de olhares sobre o tema permitiu uma melhor compreensão sobre a história do brinquedo, que está relacionado à infância. Culturalmente falando, o brinquedo sempre esteve associado ao universo infantil, são práticas bastante antigas que vem passando de geração em geração e que ganham novos significados a cada processo histórico em que a sociedade vem passando.

Segundo Benjamim, o mundo da percepção infantil está impregnado em toda parte pelos vestígios de gerações mais velhas, com os quais as crianças se defrontam, assim também ocorre com os seus jogos, o brinquedo quando não imita os instrumentos dos adultos, é confronto, e, na verdade não tanto das crianças com os adultos, mas destes com a criança (BENJAMIM, 2002, p. 98).

Neste sentido, o desenvolvimento intelectual de uma criança é estabelecido através das relações com outras pessoas, do ambiente físico e social em que está inserida, a interação com os adultos possibilita a transmissão de saberes e hábitos culturais que conduzem as crianças, principalmente na primeira infância a adquirir comportamentos distintos (VYGOSTSKY, 1991).

Na concepção de Vygotsky, antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos (VYGOSTSKY, 1991, p. 20).

Quando criança, ganhamos de nossos pais o primeiro brinquedo, esse gesto remete a criança em aceitar ou não tal objeto, que inicialmente vai se adaptando com o novo brinquedo, e posteriormente vai se resignificando, os brinquedos tornam-se verdadeiros amigos e até mesmo confidentes das crianças, é uma relação que se estabelece durante

toda infância. E essa ligação permanece na memória dos adultos como algo simbólico que marca a infância, e é de certa forma passada a geração futuras, tentando manter vivas as lembranças dos brinquedos que ficaram marcados na memória dos adultos (VYGOSTSKY, 1991).

Para Benjamim, a essência de brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. (BENJAMIM, 2002, p. 102). Esse hábito estimula o desenvolvimento das crianças nas diferentes etapas da vida. É através das brincadeiras e dos brinquedos que se pode observar o processo de socialização entre as crianças, elas utilizam sua imaginação para representar o universo adulto, se colocam nos lugares de seus pais e irmãos, e dessa forma criam um ambiente ilusório onde estabelecem regras (BENJAMIM, 2002, p. 102).

Walter Benjamim fala de brinquedos e jogos infantis, direcionando a história do próprio brinquedo, suas pesquisas são direcionadas para a produção artesanal de brinquedos no decorrer do século XVIII, cujas peças exclusivas e belas, fabricadas na Alemanha, encantavam não só as crianças, mas também os adultos. Muitos desses brinquedos ainda hoje podem ser encontrados nos museus (BENJAMIM, 2002, p. 90).

É importante destacar que, a produção dos brinquedos alemães direcionava-se à crianças de famílias de classe alta, as peças representavam um objeto de luxo que faziam parte de um grande mercado mundial. O tamanho chamava atenção dos colecionadores e também fazia parte do embelezamento das casas (BENJAMIM, 2002).

Somente na metade do século XIX, a importância que se dava ao formato do brinquedo, passa a perder aos poucos o elemento discreto, minúsculo, sonhador, e dá a vez a brinquedos maiores (BENJAMIM, 2002, p. 91).

Desta forma, o brinquedo vem se caracterizando conforme as exigências do mundo infantil. Segundo Cristina Von, os brinquedos e seus significados, que fizeram parte de nossa infância e que permanece em nossas lembranças, e muitos brinquedos que temos hoje nasceram nas grandes civilizações antigas e boa parte delas permaneceu praticamente inalterada ao longo dos tempos (CRISTINA VON, 2001).

Segundo Bertoldo e Ruschel, as brincadeiras sempre se fizeram presente em todas as épocas, nas vidas das crianças e também dos adultos. As pessoas naturalmente se deixavam envolver no ato de brincar, que proporciona às crianças relacionarem as coisas, umas com as outras, e ao relacioná-las é que elas constroem o conhecimento. Esse conhecimento é adquirido pela criação de relações e não por exposição a fatos e conceitos

isolados, e é justamente através da atividade lúdica que a criança o faz. (BERTOLDO e RUSCHEL, 2001).

Enquanto para algumas culturas, como a nossa, por exemplo, determinado brinquedo como a boneca é usada para brincar, em outras culturas, como certos grupos indígenas ela é símbolo de divindade, considerado objeto de adoração. O arco e a flecha também é outro exemplo, que para nós é considerado como um brinquedo que compramos para nossos filhos, para os índios são instrumentos necessários para caçar e pescar, também é utilizado pelos pequenos índios que já sabem da importância desses instrumentos, e necessários para a subsistência da comunidade indígena (KISHIMOTO, 1996)

Conforme afirma Rodrigo, há várias maneiras de uma criança brincar, mesmo não tendo condições financeiras para comprar um brinquedo, ela pode procurar outros meios para se divertir, seja de forma conjunta com outras crianças, sem necessitar de qualquer objeto que represente algum brinquedo, como, por exemplo, “esconder-se pela casa e pedir para alguém encontrá-lo”, “bater na porta e sair correndo”, “pular no igarapé”, “brincar na areia da praia”, “brincar de pira pega” (RODRIGUES, 2009).

. Para Borba, brincar com o outro é uma experiência de cultura, é um complexo processo interativo e reflexivo que envolve a construção de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo (BORBA, 2005, p. 41). A brincadeira de faz-de-conta desenvolvida pela criança, segundo as pesquisas, promove seu desenvolvimento cognitivo e afetivo-social. Atualmente com a existência do cinema, televisão apresentando filmes, desenhos com seus super-heróis vêm tornar essa representação mais elaborada e sofisticada, esses heróis com suas inúmeras qualidades servem para satisfazer suas fantasias imaginárias de poder (RODRIGUES, 2009).

Desta forma, o faz de conta permite que a criança utilize o seu mundo imaginário para que possa compreender o mundo real em que está inserida. Por meio da brincadeira a criança pode reviver momentos de dificuldades pelos quais está passando, possibilitando a ela uma posição privilegiada dentro da brincadeira no qual terá poder de tomar decisões perante a sua visão. Nas brincadeiras de faz de conta as crianças criam a capacidade de imitar, imaginar, representar sem medo da imposição do adulto (OLIVEIRA e RUBIO, 2013). Portanto, através do faz-de-conta, a criança recria, reinventa, representa a realidade que à rodeia, atribuindo significados diversos a determinados objetos como por exemplo, a vassoura como um cavalo, representar o papel

de médico, policia, pai e mãe, enfim são inúmeras as representações (RODRIGUES, 2009).

### **1.3. BRINQUEDOS, JOGOS E BRINCADEIRAS ANTES E AGORA.**

O presente tópico tratará da temática brinquedo, jogos e brincadeiras. Primeiramente, vamos compreender as diferenças entre jogos, brinquedos e brincadeiras. Jogo é uma palavra originária do latim: *iocus*, *iocare* e significa brinquedo, divertimento, passa tempo sujeito a regras. Para Leal, é uma atividade lúdica em que crianças e/ou adultos participam, tem características próprias delimitadas pelas próprias regras de participação na situação “imaginária” (LEAL, 2005). Pode-se destacar como exemplo, o Jogo de Mímica, de Cartas, de Tabuleiro, de Construção, de Faz-de-Conta, de Atravessar o Rio, de Frio ou Quente, da Argola e Garrafas, de Futebol, de Dama, de Xadrez, da Memória, além de outros.

Brinquedos são todos os objetos ou atividades lúdicas voltados para o lazer, destinados a divertir uma criança. Os brinquedos são de vital importância para o desenvolvimento e a educação das crianças (VYGOTSKY, sd). Pode-se destacar como exemplos de brinquedos, bonecas, bolas, pião, peteca, pipa, bichinhos de pelúcia, além das miniaturas de caminhões, de barco, de carrinhos, de bicicletas, de motocicleta.

Enquanto, a brincadeira trata-se da ação de brincar, do divertimento, da festinha entre amigos (BERTOLDO e RUSCHE, 2011). Para Almeida, o ato de brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. O brincar é uma experiência humana, rica e complexa" (ALMEIDA, 2000).

No Brasil são brincadeiras as atividades recreativas que têm regras informais e flexíveis, como brincar de Casinha, de "esconde-esconde" ou o "pega-pega". A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se

quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças (ALMEIDA, 2005).

Neste sentido, falar de brincadeiras e brinquedos é pensar em magia, imaginação, criatividade, diversão. Conhecemos atualmente algumas brincadeiras que ainda contém algumas características de suas origens, pois, muitas delas que encantam as crianças tiveram influencia dos índios, portugueses e dos negros. E as formas de brincar desses povos continham enormes significados e simbologias. Portanto, as brincadeiras tradicionais contemplam uma enorme manifestação cultural que caracteriza a identidade cultural de cada grupo social.

A criança é naturalmente um ser lúdico<sup>2</sup>, que enriquece a sua imaginação através das brincadeiras. Contudo, percebe-se que a maneira de brincar vem se modificando e ganhando novos significados, conforme o espaço, tempo e condição social em que as crianças estão inseridas, caminhando junto a esse novo mundo das brincadeiras estão os brinquedos e jogos eletrônicos, como o vídeo game, a TV, a internet e outros, que vem se destacando, aparentemente, como maneiras mais fácil das crianças se divertirem. A tecnologia transformou o mundo deles trazendo novos brinquedos que não exige tanto a criatividade.

Segundo as análises de Benjamim, o brinquedo moderno, agora não possui mais suas características do autentico brinquedo tradicional, que possui todo estilo da indústria domestica, porém algumas indústrias lutam para preservar a existência de brinquedos tradicionais (BENJAMIM, 2002. p. 92).

Antigamente não existiam muitos brinquedos para as crianças brincarem, elas tinham que usar a criatividade, a rua, o quintal era tido como o espaço de brincar de varias maneiras como de roda, esconde – esconde, casinha, bandeirinha, pira pega, além de outros. Hoje, com as ruas caçadas, os quintais ficando cada vez menores, a violência e o fluxo muito grande de veículos, as crianças não têm espaço para brincar e acabam ficando obesas por passarem uma boa parte do tempo sentada na frente da televisão ou computador.

---

<sup>2</sup>Conforme as explicações do Dicionário Informal, a ludicidade vai além do simples brincar, jogar, se bem definida pode desenvolver saberes para vida pessoal e profissional, com o intuito de a criança se interagir e intervir em seu meio social de forma prazerosa, significativa e contextualizada. Saber ensinar é medir conhecimentos de forma dinâmica é entender que o lúdico pode contribuir de forma eficiente para o pleno desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo do ser (Dicionário Informal, 2012).

Desta forma, uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho, quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais (BEIJAMIM, 2002. p. 91).

Contudo, apesar de tanto avanço tecnológico na produção dos brinquedos, estudos recentes demonstram a importância de se utilizar as brincadeiras e os brinquedos de forma interativa e socializada no aprendizado e desenvolvimento das crianças, respeitando sua faixa etária, com isso a ação do brincar vem ganhando novos significados com o passar do tempo (MEIRA, 2007).

Ao brincar a criança estimula seu aprendizado, adquire conhecimento, desperta sua criatividade, imaginação e expressa seus sentimentos e pensamentos. Existe uma variedade de brincadeiras, lembrando que, cada uma delas tem uma maneira própria de se brincar ou confeccionar como, por exemplo, o xadrez feito de madeira geralmente tem no tabuleiro as peças que serão movimentadas pelos jogadores conforme sua estratégia de jogo (CRISTINA VON, 2001).

Cristina Von nos mostra em seu estudo, que a origem do jogo de tabuleiro, que era utilizado por sábios e conselheiros como instrumentos divinatórios, do qual obtinha mas respostas pelas peças marcadas. Cada jogador tinha sete peças que movia e usava dados, mas, atualmente já não se conhece mais suas regras. Sabe-se que até os faraós egípcios adoravam jogos de tabuleiro, há 4.300 anos. Deste tipo de jogo o exemplar mais antigo está exposto no Museu Britânico, em Londres (VON, 2001, p.115).

Entre os outros tipos de jogos que também são destacados nos estudos de Von o jogo de Xadrez, um jogo que continha virtudes como, a paciência e a prudência, cujas peças representavam quatro elementos do exercito: carros, cavalos, elefantes e soldados a pé comandados por um rei e um vizir.<sup>3</sup> Aliás, o primeiro exemplar do jogo de Xadrez foi encontrado no século V no Norte da Índia (VON, 2001, p.116).

Enquanto o jogo de Damas nasceu no Egito, cerca de 2000 a.c, adotado pelos gregos romanos, passou a ser um jogo de aristocratas. Na idade média, os reis jogavam o xadrez, e as mulheres preferiam o jogo das Damas, o que deu origem ao nome usado até

---

<sup>3</sup>O Dicionário Online de Português destaca que a palavra vizir vem da expressão Árabewazir, que quer dizer aquele que ajuda alguém a carregar um fardo. No Império Otomano, os vizires chefiavam os ministérios do governo. No séc. XIX, a autoridade mais importante do império era o grão-vizir, que era uma espécie de primeiro-ministro (Dicionário Online de Português).

hoje. Cristina Von destaca que durante vários períodos da história o jogo sempre fez parte da humanidade, eram práticas comuns entre reis, rainhas e pessoas ilustres que fizeram parte da nossa história (VON, 2001, p.117).

É importante destacar que os nomes dos brinquedos e brincadeiras vão modificando conforme o tempo, o espaço e lugar, ganham outros nomes e significados diferentes, como por exemplo, para a região sul e sudeste do Brasil o que se chama de “bola de gude”, na região norte é “peteca”, “queimada” do sul e sudeste é denominado de “cemitério”, nas regiões norte e nordeste, assim como a brincadeira de empinar “papagaio” nestas regiões é denominada de “pipa” nas regiões sul e sudeste.

Nas análises de Ângela Meyer Borba, brincadeiras como pipa, esconde-esconde, amarelinha, elástico, casinha, bolinha de gude e muitas outras, nos remetem à nossa própria infância contemporânea, a experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança (BORBA, 2005, p. 33)

Desta forma, o brinquedo, geralmente acaba por representar a realidade da criança, tudo que existe na natureza, no seu cotidiano, acaba sendo retratado em forma de brinquedos. Hoje por exemplo, os brinquedos reproduzem o mundo técnico e científico, o mundo da vida atual, como aparelhos de eletrodomésticos, naves espaciais, bonecas e robôs. A memória do brincar como antigamente hoje se encontra quase apagada devido a avassaladora rede de aparelhos virtuais que invadem a vida das crianças anestesiando seus movimentos corporais e seus pensamentos (MEIRA, 2011).

Por outro lado, é importante mencionar que toda brincadeira tem regras e são essas regras que nos permite identificar qual tipo de brincadeira e jogo estamos praticando ou observando, como, por exemplo, jogar buraco ou tranca, usa-se o mesmo objeto para realizar duas brincadeiras, porém as regras de uma são diferentes da outra (KISHIMOTO, 1996)

Para Ana Marta Meira os games e jogos virtuais não têm a mesma dimensão simbólica de uma brincadeira com carrinhos e bonecas, pois prescindem da presença do outro e da materialidade dos objetos. Obviamente, são formas que as crianças encontram de falar deste universo que as cerca, de apropriar-se dele ao navegar nas vias eletrônicas (MEIRA, 2007).

É magnífico lembrar de nossa infância, as brincadeiras que faziam parte da nossa época nos fazem compreender como era a pureza e simplicidade das brincadeiras

de antigamente. Nas brincadeiras de rua, havia certa liberdade, principalmente nas cidades pequenas, os espaços parecia estarem reservados as crianças, cada brincadeira tinha seu período, se brincava de bola, outro período de pira pega, bandeirinha, peteca, queimada, e assim por diante, o que não faltava era imaginação (BORBA, 2005).

É bem verdade que em épocas passadas não existiam brinquedos tão sofisticados como os da atualidade, tudo era muito artesanal, contudo, as crianças se divertiam mais do que agora. Pois, era freqüente os adultos participarem das brincadeiras, principalmente na zona rural, onde o cotidiano das pessoas se resumia ao trabalho pesado nas roças, enquanto os pequenos brincavam naturalmente utilizando materiais retirados da natureza como caroço, folhas, galhos de arvores, pedras, além de outros que a imaginação permitia. Quando no momento das brincadeiras não existia diferenciação ou exclusão de alguma criança, a palavra inveja não fazia parte do vocabulário dessas crianças, por que compartilhavam dos mesmos brinquedos (BORBA, 2005).

No decorrer da minha pesquisa, no Povoado de Porto Alegre, observei que ainda há resquícios dos brinquedos e das brincadeiras tradicionais, são brinquedos produzidos pelas próprias crianças, que mostram a realidade do lugar, as vivencias familiares. Neste sentido, uma das brincadeiras preferidas tanto dos meninos quanto das meninas é jogar bola, todos brincam juntos sem distinção. O campo de futebol é o espaço, onde no mês de junho, as crianças ensaiam quadrinhas, danças típicas e dramatizações. Uma informação importante que destaco é que no momento dos ensaios das danças as crianças levam muito a sério e se dedicam inteiramente.

## CAPITULO II

BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS:  
SIGNIFICADOS E SIMBOLOGIAS NO POVOADO  
REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE

## 2.1. POVOADO REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE: ABORDAGENS HISTÓRICAS E CULTURAIS.

Os estudos de Flávio dos Santos Gomes mencionam que algumas áreas ao logo do Rio Tocantins foram regiões que se constituíram em importantes focos de escravidão africana na Amazônia colonial e pós colonial, cuja ocupação foi iniciada em meados do século XVII, somente no século XIX tiveram desenvolvimento com a lavoura canavieira, principalmente em localidades em torno do Baixo Tocantins, como Cameté e Mocajuba. Após o fim do cativo e início do século XX parte destas regiões entrou em declínio, concentrando-se apenas na economia extrativista (inclusive seringais) (GOMES, 2006, p. 281).

Nas regiões banhadas pelo rio Tocantins e seus afluentes, como Abaeté, Barcarena, Iguarapé-Miri, Guamá, Moju, Bujaru, Cameté, Baião, Mocajuba, Oeiras etc., havia desde o século XVIII uma tradição quanto à formação de mocambos, comunidades de fugitivos e desertores e a constituição de um campesinato negro (GOMES, 2006, p. 281).

Desta forma, a partir da primeira metade do século XIX e mais especificamente durante e após o período da cabanagem, entre os anos de 1835 a 1840, os motins e fugas de escravos das fazendas e engenhos do Grão-Pará se intensificaram. Na região do Baixo Tocantins, principalmente em Cameté esse fenômeno não aconteceu de forma diferente. Pois, devido a quantidade de fugas de negros fugido muitos quilombos se formaram no interior das matas ao longo da calha do rio Tocantins e seus afluentes (SALLES, 1988).

“os quilombos representavam uma ameaça constante à sociedade escravista. Eram vistos como uma “praga”, uma “chaga de longa data” e acarretavam prejuízos aos bolsos dos senhores, pois parte de seus bens se evadia para as matas, diminuindo a força de trabalho e afetando uma economia visivelmente arruinada. Cabia ao Estado acabar com esses refúgios de escravos, restabelecendo a ordem e a tranquilidade” (FUNES, 1996, p. 485).

Segundo Pinto, há vários documentos do final da segunda metade do século XVIII que relatam a existência de quilombos e fugas de escravos na região do Tocantins (PINTO, 2007). Conforme ressalta esta mesma autora, o medo da reescravidão e as dificuldades que encontravam para sobreviver "acabaram ocasionando a formação de quilombos, como é o caso de Bom Fim, Tomásia, Laguinho, Boa Esperança, Porto Alegre, Matias, Itapocu, e João Igarapé". "Na luta pela liberdade e sobrevivência os negros iam construindo outros redutos – novos mini-quilombos" (PINTO, 2007, p.35).

Na Região do Tocantins, vários povoados negros rurais têm suas origens marcadas pela existência desses redutos de fugitivos. Nas lembranças dos mais velhos ainda se fazem presentes as histórias vividas e contadas por seus avós, que recuam para um tempo distante; expresso nas falas como o tempo "dos passados", "dos mais antigos", "dos fugidos", "do pega pega" e da existência de quilombos ou mocambos (PINTO, 2010, p. 76).

Desta forma, com base na memória oral, Pinto menciona que o povoado de Porto Alegre teria surgido no final do século XVIII, com a vinda de algumas pessoas, descendente de negros escravizados, que moravam nas localidades de Puxa Regue, nas proximidades da povoação de Laguinho e Campo Limpo, cuja procedência anterior, na sua maioria era do antigo quilombo de Mola, um dos mais importantes redutos de negros fugidos da região do Tocantins (PINTO, 2010, p. 76).

No distrito de Juaba, o quilombo do Mola serviu de referencial e ponto de partida para a formação de outros núcleos populacionais negros, que até meados do século XIX se caracterizaram como mini-quilombos, como foi o caso de Porto seguro, Puxa Regue, Campo Limpo, Seringal, Laguinho, Tomásia, além de outros, todos oriundos do Mola (PINTO, 2007, p. 43).

A partir dos dados históricos acima apresentados, já se pode imaginar a riqueza que há nas fontes orais que contribuíram como elementos essenciais neste trabalho, a oralidade, segundo afirma Thompson, possibilita conhecer diferentes versões sobre um determinado assunto, privilegiando assim a voz de pessoas anônimas e não apenas dos grandes homens (THOMPSON, 1992, p.40).

“Fazer com que as pessoas confiassem nas próprias lembranças e interpretações do passado, em sua capacidade de colaborar para escrever a história - e confiar também em suas próprias palavras: em suma, em si mesmos” (THOMPSON, 1992, p.40).

Nas análises de Funes,

a memória constitui elemento de significativa importância à reconstituição do processo histórico. Nas comunidades remanescentes de mocambos ela está mais viva entre os velhos, netos e bisnetos de mocambeiros, guardiões das histórias que seus antepassados lhes contavam (FUNES, 1996, p. 468).



Imagem 2: Imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Porto Alegre. Fonte: Arquivo Familiar da Sr<sup>a</sup>. Herondina Soares Gonçalves, professora e habitante de Porto Alegre.

A partir do auxílio dos guardiões da memória, dos mais velhos moradores, se toma conhecimento, que com quase dois séculos de história, fé e arte, os poetas cantadores do Porto Alegre têm como principal prática cultural e religiosa, os rituais sagrados em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, celebrados até hoje pela Irmandade dos Filhos de Nossa Senhora da Conceição. Eles ainda vivenciam as principais características dos cultos celebrados por seus antepassados. Segundo Marina Maluf,

a memória, um dos elementos que dá unidade a um grupo, depende do sentimento de um tempo contínuo, de um tempo fluido que opera apenas limites incertos entre o vivido outrora e o tempo presente. Pois, é nesta corrente temporal contínua que reside a própria existência do grupo que retém do passado aquilo que está vivo, ou mesmo aquilo que ainda é capaz de viver na consciência do grupo (MALUF, 1995, p. 43).

É importante destacar que foram entrevistadas pessoas com diferentes faixas etárias de idade no Povoado de Porto Alegre. As entrevistas ocorreram nas casas das pessoas, na escola do povoado e em frente das casas, sob a sombra das árvores. E foi mediante as falas dos moradores, que se percebeu a luta dos mais velhos para preservar toda a tradição cultural em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, como conta dona Elizia Alexandrina Soares,

minha dona, as reza e alvurada eu to passando para as criança, por que quando eu morre, eles continue a celebração para Nossa Senhora da Conceição, tem o grupu da alvurada, grupu da missa, grupu do mastro e grupu da procissão, eles participa, ficam animados, gostam de perticipa da organização da festa (Elizia Alexandrina Soares, mais conhecida como tia guita, tem 90 anos, moradora do povoado de Porto Alegre)

As crianças do povoado exercem um papel muito importante relacionado à religiosidade, elas participam da organização da festividade de Nossa Senhora da Conceição, estão divididas em grupos e cada grupo é responsável por uma função, é um momento em que as crianças e também os adultos ficam na expectativa para o dia da festa, usam a melhor roupa, decoram o barracão, a igreja, e recebem de forma hospitaleira os romeiros e promesseiros que vem das proximidades para participarem da festa.

Partindo de tais argumentações, ressalta-se que o povoado remanescente de quilombolas de Porto Alegre fica há quase 45 quilômetros distante da cidade de Cameté, sua

via de acesso se dá através da estrada Trans Cametá/Tucuruí, chegando-se a esta povoação por uma estradinha de terra batida, denominada de Ramal de Porto Alegre.

Segundo os dados levantados pelo Sr. Cristovão Soares Gonçalves, em julho de 2013, este o povoado possui 315 habitantes, sendo 78 famílias, onde moram mais ou menos 11 pessoas em cada casa. O povoado esta dividido em 4 travessas e 3 ruas, 1 escola de alvenaria, 1 barracão, 1 igreja de Nossa Senhora da Conceição (Padroeira do povoado), que esta sendo reconstruída, 2 igrejas igreja evangélicas (Assembléia de Deus e Quadrangular), eum posto de saúde ainda em construção e 1 cemitério.

O povoado de Porto Alegre chama atenção pela sua beleza e tranqüilidade, e pelo menos quatro vezes no ano ocorre a limpeza na área próximo ao igarapé e da igreja, segundo os relatos após cessar a chuva os moradores realizam um multidão para fazer a limpeza do local, é uma área bastante grande. No dia da limpeza, os moradores se reúnem bem cedo, e para agüentarem o pique, preparam uma feijoada, e ai começa o trabalho. Os moradores falaram da importância dessa ação, pois dessa forma tentam preservar o local limpo.

O modo de vida dos moradores se dá em torno da produção de farinha de mandioca e da agricultura familiar, esses produtos são comercializados na cidade de Cametá, o transporte da farinha se dá através do ônibus que sai às quatro horas da madrugada do povoado. Outros produtos como a farinha de tapioca, o arroz pilado, o bejú de farinha d`água e a macaxera também fazem parte da alimentação dos moradores e do sustento das famílias.



Imagem 3: Grupo de crianças que participam da organização da festividade de Nossa Senhora da Conceição, que acontece no dia 8 de Dezembro de cada ano. Fonte: Arquivo Familiar de um habitante de Porto Alegre.

FICHA A		SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE ATENÇÃO BÁSICA				UF	
ENDEREÇO		NÚMERO		BAIRRO		CEP	
Comunidade Amiloboda		[ ] [ ] [ ] [ ]		[ ] [ ] [ ] [ ]		618400-000	
MUNICÍPIO		SEGMENTO	ÁREA	MICROÁREA	FAMÍLIA	DATA	
[ ] [ ] [ ] [ ] 021103		40	025	17	005	310-07-916	
CADASTRO DA FAMÍLIA							
PESSOAS COM 15 ANOS E MAIS NOME	DATA NASC.	IDADE	SEXO	ALFABETIZADO		OCUPAÇÃO	DOENÇA OU CONDIÇÃO REFERIDA (sigla)
				sim	não		
Dvax Gonçalves da Silva	22.10.60	44	M	Sim		lavrador	
Francisca Lopes Gomes	02.02.68	38	F	Sim		''	
Osvalina Lopes da Silva	25.06.88	17	F	Sim		Estudante	
OCIN Lopes da Silva	30.08.91	14	F	Sim		Estudante	

Imagem 4: Ficha de Cadastro da Família da Secretaria Municipal de Cameté, ano de 2013. Fonte: Acervo do Sr. Cristovão Soares Gonçalves.

## 2.2. RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA: O ATO DE BRINCAR NO POVOADO DE PORTO ALEGRE

"Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas" (Ecléa Bosi, 1994).

No primeiro contato com os habitantes do povoado de Porto Alegre, logo me deparei com crianças brincando livremente pelas ruas e quintais de terra batido, utilizando brinquedos simples e já bem desgastado pelo tempo e uso, como bonecas e carrinhos de plástico e madeira fabricados por eles mesmos ou pelos seus pais, foi fascinante observar como as crianças brincavam de uma forma tão natural e espontânea, a tranquilidade e os espaços favoráveis para se brincar nos conduziu a refletir as particularidades daquele povo.

Foi através dos relatos orais, da memória dos mais velhos e também de crianças, moradores do povoado de Porto Alegre, que pude constatar que algumas brincadeiras de infância continuam fazendo parte das brincadeiras de hoje, com algumas modificações, porém se matem presentes no dia a dia. Segundo Borba,

a experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com outros – adultos e crianças (BORBA, 2005, p. 34).

O brincar está sempre presente em nossas vidas, seja qual for a época, não importa a idade, o ato de brincar contagia e faz reviver nossa infância, um tempo que não volta mais e que permanece em nossas lembranças. Conhecer e compreender sobre as diversas maneiras de se brincar no passado é importante, pois nos permite conhecer nossa origem.

Permanece forte nas lembranças dos entrevistados a infância relacionada ao trabalho pesado na roça, quando brincavam com elementos que a natureza lhes oferecia,

e transformavam em brinquedos, e dessa forma, sem se darem conta brincavam e ajudavam seus pais ao mesmo tempo. Nas recordações que os mais velhos têm da infância, dizem que foi um período feliz e alegre.

Lembram que as brincadeiras se davam logo no caminho da roça. As crianças acompanhavam seus pais, o que os adultos faziam eram repetido pelas crianças de forma divertida. As crianças possuíam seus próprios instrumentos de trabalho como, paneiro, tipiti,<sup>4</sup> abano, e outros, tudo em miniatura, que eram utilizados na casa de forno, local onde é produzida a farinha de mandioca. Segundo relatos dos moradores, as crianças menores eram levadas dentro do paneiro de perna, chegando ao roçado elas ficavam na beira, na margem do roçado, esperando seus pais. Os meninos brincavam de subir nas árvores, construíam arapuca<sup>5</sup> para pegar passarinho; as meninas brincavam de bonecas feitas da vassoura da bacaba<sup>6</sup>. A alimentação das crianças e dos adultos era mingau de arroz, de farinha ou de curueira.<sup>7</sup>

Da mesma forma, também se fazem presentes nas lembranças dos entrevistados, o momento das rezas, quando as crianças participavam assiduamente, para eles era um momento de descontração. O olhar que essas pessoas têm do passado, nos revela uma tradição cultural peculiar que está presente na memória, de que fizeram parte dessa tradição, e é contadas por elas próprias. Partindo dessa visão, Thompson destaca que se fazia importante “com que as pessoas confiassem nas próprias lembranças e interpretações do passado, em sua capacidade de colaborar para escrever a história - e confiar também em suas próprias palavras: em suma, em si mesmos” (THOMPSON, 1992, p. 40).

A especificidade dos relatos orais podem nos trazer elementos que dificilmente iríamos encontrar em outras fontes. Desta maneira, foi através dos relatos orais, das histórias de vida e das conversas informais que se tornou possível conhecer tipos de

---

<sup>4</sup>**Tipiti** é uma espécie de prensa ou espremedor de palha trançada usado para escorrer e secar raízes, mormente mandioca. O objeto é utilizado por índios brasileiros e ribeirinhos da região amazônica. Fonte : Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>5</sup>**Arapuca (arataca ou urupuca)** é um artefacto, de origem guaranis, que consiste numa armadilha, feita de paus, com formato piramidal, e destinada a pegar vivos aves, pequenos mamíferos, ou outros animais de caça. Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>6</sup>A **bacaba, bacaba-açu ou bacaba verdadeira** (*Oenocarpus bacaba*) é uma palmeira nativa da Amazônia. Distribui-se por toda Bacia Amazônica, com maior frequência no Amazonas, Pará, Acre e Tocantins. .Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>7</sup>Curueira, são as sobras da mandioca, durante o processo de fabricação da farinha de mandioca, quando peneirada as sobras que ficam é a curueira (desse produto é feito mingau que é tipicamente regional)

brincadeiras e brinquedos utilizados em épocas passadas no povoado de Porto Alegre. A maneira de brincar e de ser criança ou ter sido criança neste povoado é muito particular, as convivências entre adultos e crianças demonstram gestos de carinhos e respeito. As crianças brincam no campo de futebol, nas ruas cobertas de capim e areia e se deliciam tomando banho no igarapé Anuerá, que fica logo na entrada do povoado. Thompson tem razão ao afirmar que,

uma coisa é saber que as ruas ou campos em torno de uma casa tinham um passado antes que ali tivesse chegado; bem diferente é ter tido conhecimento, por meio das lembranças do passado, vivas ainda na memória dos mais velhos do lugar, das intimidades amorosas por aqueles campos, dos vizinhos e casas em determinada rua (THOMPSON, 1992, p. 30 a 31).

Vale ressaltar que, apesar da chegada da energia elétrica e do crescimento populacional que vem ocorrendo no povoado, os moradores de Porto Alegre mantêm o ritmo de vida tradicional, o jeito de brincar das crianças demonstra como permanecem até hoje inserida em seu cotidiano, embora com algumas adaptações. Muitas brincadeiras sofreram mudanças no decorrer do tempo, foram incorporando novos significados ou adaptações conforme cada local e as novas gerações, e estão ligadas a maneira como viviam as famílias. Uma das brincadeiras que as crianças do povoado gostam é a do “taco”, brincam meninas e meninos, não é uma brincadeira própria da região, se conhece e brinca em outras regiões do Brasil.

É importante abrir um parêntese aqui para falar sobre o jogo de taco, também conhecido como taco bol, bete-ombro e betsé um jogo de rua que descende do "cricket" britânico. O objetivo principal do jogo é rebater a bola lançada pelo jogador adversário, sendo que durante o tempo em que o adversário corre atrás da bola, a dupla que rebateu deve cruzar os betes, também chamados de taco ou remos, no centro do campo, fazendo assim dois pontos cada vez que cruzam os tacos (Wikipédia, a enciclopédia livre).

No decorrer da pesquisa foi plausível estabelecer uma relação entre brincadeiras tradicionais e brincadeiras atuais, a partir de relatos dos mais velhos do povoado e demais habitantes, para constatou que nas brincadeiras de antigamente não havia brinquedos comprados, prontos, as crianças construía seus próprios brinquedos a partir de objetos e materiais que chamassem a sua atenção como, por exemplo: raízes, folhas, cascas de

árvores, sementes e muitos outros utilizados como peça importante na confecção dos brinquedos. A Senhora Maria Francisca Prestes nos conta o seguinte:

A gente não estudava, e passava o dia inteiro brincando, minha boneca era feita de pano que eu mesma fazia; com cacho de bacabeira, nos brincava com vassoura de açá; ajudava meus pais no trabalho. A gente brincava de bola feita de maçaranduba e as roupa das boneca era feita de sororo. Eu só tinha um par de roupa e um par de sandália, tumei minha primeira vacina com 8 anos (Maria Francisca Prestes, 60 anos, moradora do povoado de Porto Alegre).

As brincadeiras que eram praticavam antigamente e ainda lembrada pelos mais velhos, de certa forma chama a atenção e desperta interesse das crianças. Pude perceber em uma roda de conversa as indagações os pequenos fazem sobre os brinquedos antigos. Ao repassar as informações para as crianças, os adultos transmitem uma herança que fez parte de sua formação.

As crianças do povoado de Porto Alegre fazem parte de uma nova geração que tem acesso à escola, que conhecem outros lugares, possuem brinquedos atuais, ou seja, vivem no mundo atual. Conhecem inúmeras brincadeiras, como podemos ver na descrição de Maria Eduarda Mendes Cardoso:

Eu gosto de brincar de casinha, boneca, taco, bola, pira pega, manchete, sete pecados, pira cola, pira esconde, também a gente brinca de roda, e tomar banho no igarapé (Maria Eduarda Mendes Cardoso, 8 anos, moradora do Povoado de Porto Alegre).

Como se pode observar a partir dos relatos e das imagens a seguir, que apesar de estarem inserindo novas formas de brincar, as crianças ainda mantêm a tradição de brincar de roda, de utilizar objetos do seu cotidiano como papel, madeira, galhos de árvores, latas de sardinha e conserva garrafas pet e sacolas plásticas, que os transformam em brinquedos.

As crianças do povoado têm a capacidade de improvisar seus brinquedos, essa pratica me chamou atenção porque, não se vê mais nos centros urbano. Tem razão Rodrigues quando afirma que é preciso deixar que as crianças e os adolescentes brinquem, é preciso aprender com eles a rir, a inverter a ordem, a representar, a imitar, a sonhar e a imaginar (RODRIGUES, 2009, p.37).



Imagem 5: Crianças brincando de bola, feita de pedaços de papel amassado, no pátio da escola do povoado de Porto Alegre. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.



Imagem 6: Menino brincando com carrinho de madeira feito por ele mesmo. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.

Observando as crianças brincando com objetos que assumem o papel de brinquedos como a bola de papel e o carrinho de madeira, demonstra a capacidade de

imaginação, criatividade e liberdade das crianças em transformar coisas em algo prazeroso e divertido. O ambiente em que as crianças estão inseridas é tão propício às brincadeiras, que elas perdem a noção de tempo, as sombras das árvores, a grandeza do campo e a água cristalina do igarapé Anuerá são os espaços preferidos das crianças. Conforme afirma Carvalho, a criança brinca pelo simples fato de brincar, e é aí que a liberdade está vivificada, na capacidade da criança se afastar da vida cotidiana e entrar no mundo imaginário do brinquedo (CARVALHO, 2006, p. 244).

Faz parte do cotidiano do Povoado de Porto Alegre crianças e adultos se reunirem em frete das casas. Enquanto, os adultos conversam e contam histórias, as crianças brincam, a amizade que elas tem uma com as outras é contagiante e demonstra a verdadeira amizade de infância.



Imagem 7: Crianças brincando de bola próximo ao igarapé. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.



Imagem 8: Meninas brincando no Povoado de Porto Alegre. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.



Imagem 9: Crianças moradoras do Povoado de Porto Alegre. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.

### 2.3. BRINQUEDOS DE INFÂNCIA: TRADIÇÃO E MEMÓRIA.

Muitos brinquedos que conhecemos hoje possuem uma tradição cultural que vem sendo repassadas há várias gerações, como é o caso das bonecas que possivelmente teria surgido há 40 mil anos na África e na Ásia com propósitos ritualísticos. A transição das bonecas como ídolos para brinquedos provavelmente ocorreu no Egito, há 5 mil anos (CRISTINA VON, 2001, p. 29).

Assim como as bonecas, o chocalho, a bola, o arco e a flecha, o estilingue e muitos outros brinquedos tiveram seus significados no passado, quando não eram considerados brinquedos. Os brinquedos de infância exerceram importância nas vidas das pessoas, de maneira particular cada um marcou uma fase da vida, foram momentos vividos e concretos de um passado distante, porém presentes em nós.



Imagem 6: Bonecas de pano confeccionadas pela costureira Maria Estelita dos Santos Viana, moradora da cidade de Cametá, 60 anos. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2012.



Imagens 7 e 8: Bonecas de vassouras de bacabeira e açazeiro. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.



Uma das características da infância é sua criatividade, seja qual for o período, as crianças, principalmente, aquelas com poucos recursos financeiros tem a capacidade de transformar qualquer objeto em brinquedos, são bolas feitas com sacolas e papel, carrinhos feitos de garrafas de refrigerante, casinha de bonecas feitas de papelão, esses brinquedos permanecem nas lembranças dos adultos.

Conforme foi possível observar no decorrer da pesquisa, a boneca de pano foi um dos brinquedos que marcou a infância das mulheres do povoado. Estas eram feitas de forma rudimentar com tecidos e com enchimentos diversos, como palha, algodão, folha, serragem, e outros. Da mesma forma, contam que também produziam bonecas a partir de espiga de milha, do miriti, da "vassouras" do açaí, da "vassouras" da bacaba, da palha, era só usar a criatividade e imaginação.

Apesar da grande evolução dos brinquedos, em especial das bonecas que hoje podem ser encontradas de diversas marcas e modelos que enlouquecem as meninas, as bonecas de pano continuam despertando interesse das crianças, dessa forma é importante que se preserve os brinquedos tradicionais, valorizando o espaço da boneca de pano.

De acordo com Ecléa Bosi, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p. 55).

Neste entrecruzar da memória dos mais velhos com a vivência nos dias atuais, percebe-se que as crianças estão brincando pouco, principalmente nas grandes cidades onde a modernidade é mais presente, esse processo fez com que se tirasse das crianças muitas brincadeiras e brinquedos saudáveis, neste sentido, valorizar como se brincava antes é inserir em diversos âmbitos da vida das crianças uma forma de como preservar nossa história cultural.

Antigamente tudo era muito natural, as coisas não eram voltadas as tecnologias, as crianças podiam brincar nas ruas tranqüilamente. Nas análises que se tem sobre a infância, percebe-se a evolução dos brinquedos passando de artesanal para industrializado, como é o caso dos jogos eletrônicos que vem se destacando no universo infantil. A partir dos relatos das crianças de Porto Alegre foi possível constatar que elas conhecem os jogos eletrônicos, porém poucas têm acesso, e isso somente quando vão a

Cidade de Cametá, em companhia dos pais. Enquanto estes fazem as vendas, as crianças e adolescentes aproveitam para ir em uma lan house jogar. Apesar de terem contato com esses jogos eletrônicos, os mesmos não fazem parte de sua realidade, pois neste povoado não há computadores, muito menos internete.

Devo destacar que emergiu uma grande riqueza cultural dos habitantes de Porto Alegre no transcorrer da presente pesquisa, através dos relatos orais, mediante as lembranças dos mais velhos habitantes, são estas pessoas que guardam no seu relicário de memórias as recordações valiosas de tempos vividos neste lugar. Ao relatarem suas histórias se percebe a veracidade dos fatos e a originalidade das falas que são contadas de forma emocionante, com riqueza de detalhes, apesar da idade avançada dos entrevistados, alguns já com sérios problemas de saúde, mas o ato de lembrar os transportava para a infância, para a juventude, onde procuram buscar vivacidade no brilho do olhar e na entonação da voz, para se encarregar da tarefa de guardar e repassar para as gerações mais novas os ensinamentos de tempos vividos. Portanto, a importância de se preservar as falas através da descrição nos permite futuramente compreender o passado e utilizar como fonte de pesquisa para futuros trabalhos.

Os estudos historiográficos impulsionaram diferentes formas de pesquisas, novas abordagens, um novo olhar sobre a história levando em consideração os métodos utilizados nas pesquisas, assim também o desenvolvimento da história oral e da micro-história atribuída a história cultural que registra vários acontecimentos específicos (THOMPSON, 1992).

Segundo BOSI,

por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (ECLÉA BOSI, 1994, p. 55).

Já para Thompson, “uma das mais profundas lições da história oral é a singularidade, tanto quanto a representatividade, de cada história de vida. Há algumas delas que são tão excepcionais que têm que ser gravadas, qualquer que seja o plano”. (THOMPSON, 1992, p. 174).

Partindo desse pressuposto, percebe-se que uma das particularidades da região Tocantina é de que em alguns lugares as crianças utilizam brinquedos artesanais e ainda brincam em ambientes naturais, como é no caso do povoado de Porto Alegre, onde os brinquedos de infância são lembrados como algo que marcou a vida das pessoas mais velhas, como se pode notar na fala da Senhora Santinha do Nascimento:

Nasci no Puvuado, meus brinquedo era buneca de pano, enchia de algodão, também meu brinquedo era panela de Sapucaia e cumida de fulha, ajudava meus pais no serviço e batia lata na hora do bangüê (Santinha do Nascimento, 85 anos, moradora do Povoado de Porto Alegre).

Nas lembranças da senhora Elizia Alexandrina Soares estão contidos os elementos lúdicos da sua infância, como bonecas feitas de miriti, das folhas de anajá<sup>8</sup> se fazia cobra, sapatinho, flores, estrelas, apito. Os brinquedos produzidos por dona Elizia Alexandrina Soares fazem parte de uma cultura que não é oficializada, e que revelam uma maneira particular de vida.

Observou-se durante a pesquisa, que a confecção de objetos considerados pelas crianças como brinquedos, para os adultos são vistos como atividades de trabalho, estão ligados a preparação da vida adulta. Os entrevistados contam que aprendiam com seus pais, além de tecer paneiro, peneira, abano e tipiti, também a tarefa de fazer farinha, plantar, pescar no igarapé e caçar.

---

<sup>8</sup> Anajá-*Attalea* ou da espécie *Pindoreaconcinna* uma palmeira solitária de porte baixo (cinco a vinte metros de altura, tronco de vinte a trinta centímetros de diâmetro) e ciclo de crescimento lento. Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Imagem 9: Brinquedos de infância feitos de folha de anajá. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.



Imagem 10: Dona Elizia Alexandrina Soares confeccionando os brinquedos com folhas de anajá. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.



Imagem 11: Dona Santinha do Nascimento confeccionando brinquedos com folhas de anajá. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.

A prática que os mais velhos têm de confeccionar esses brinquedos vem desde seus antepassados, no caso de negros e índios, os quais mostram parte de sua cultura e identidade. Essa herança vem sendo transmitida de uma geração para outra nesta povoação, atualmente esses brinquedos fazem parte de nossa cultura. É através dos

brinquedos que as crianças exercitam sua habilidade e criatividade, bem como fazem parte da sua formação.

Os brinquedos sempre tiveram um papel fundamental na vida das crianças, são os mais variados tipos. No caso de Porto Alegre, os brinquedos e brincadeiras de uso comum pelas crianças também foram inseridos nas atividades da escola, são utilizados como recursos pedagógicos no ensino e aprendizagem dos alunos. Os professores desta povoação contaram que recebem da secretaria municipal de educação do município de Cametá alguns brinquedos educativos, como o jogo de xadrez e jogo yoté (o jogo da nossa história), os quais as crianças gostaram muito, além do jogo da memória, jogo de tabuleiro, quebra cabeça, monta palavras, lego, tangram, livros de histórias infantis, jogos musicais e livros que são utilizados na pesquisa dos alunos.

As brincadeiras com os brinquedos educativos são realizadas no pátio da escola, onde as crianças se divertem no intervalo das aulas, praticando atividades educativas. E dessa maneira segundo declarou um dos professores “*eles aprendem brincando e desenvolvem seu raciocínio.*”

As brincadeiras integram a cultura da criança e, no contexto dessas brincadeiras, existe, se assim podemos chamar uma cultura lúdica; cultura que engloba inúmeras brincadeiras infantis, individuais e coletivas, tradicionais ou populares. As brincadeiras populares estão sujeitas a variações de acordo com as características étnicas de um povo, os seus costumes, a sua língua, a sua regionalização e outros fatores, integrando o repertório da cultura popular, tendo sua transmissão centrada, principalmente, na oralidade e na própria prática (CARVALHO, 1998, p, 56, 57).



Imagem 12: crianças jogando xadrez no pátio da Escola do Povoado de Porto Alegre. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.

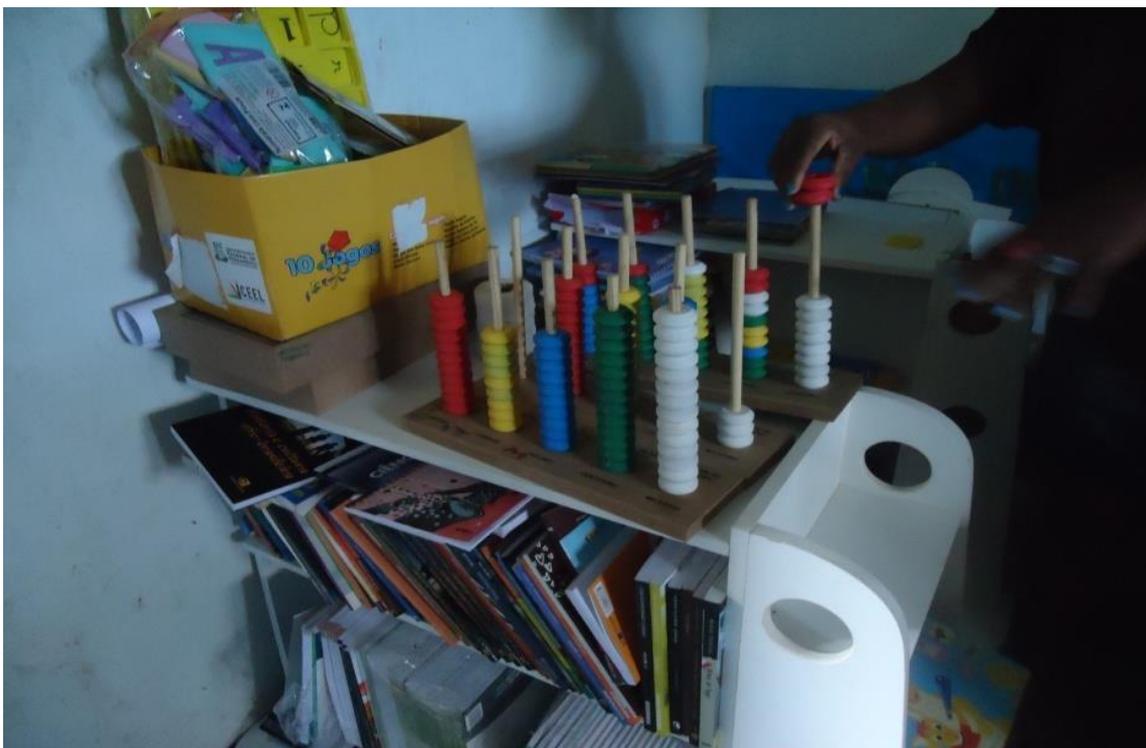


Imagem 13: Brinquedo de cálculo de matemática feito em madeira. Fonte: VIANA, Imagens realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013



Imagem 14: Escola do Povoado de Porto Alegre. Fonte: VIANA, Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2013.

Se faz importante destacar que a Escola Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre, possui suas instalações em alvenaria composta por duas salas de aula, uma copa, uma biblioteca com bastante acervo, que também funciona como sala dos professores, dois banheiros, um masculino e um feminino, uma área onde as crianças lancham. Funcionam pela parte da manhã as séries 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> A e pela parte da tarde 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> B series, com o total de 83 alunos.

O quadro de funcionários é composto por 7 professores, 2 merendeiras, 2 vigias e 1 professor responsável. Em relação à educação das crianças remanescente de quilombolas do povoado de Porto Alegre, segundo os relatos dos professores há algumas dificuldades, principalmente na leitura, porém a dedicação e o esforço pelos estudos é muito grande. Aliás, isso foi percebido durante a pesquisa de campo, quando se observou o cotidiano das crianças em sala de aula.

Uma das professoras que atua há bastante tempo no local é a professora Herondina Soares Gonçalves, nas suas aulas ela recorre a produtos da própria região como frutas, folhas, sementes para ensinar matemática, brinca de roda, de pira com as crianças.

Esse método segundo a referida professora facilita o aprendizado dos seus alunos. Assim, o lúdico é utilizado como recurso didático em todas as matérias, a professora Francidalva Gomes Borges, transforma assuntos de aula em parodias, dessa forma, os alunos assimilam rápido o assunto. Nas aulas de educação física são utilizadas brincadeiras de roda e jogo de futebol no campo.

Segundo as pessoas entrevistados durante as atividades de pesquisa, que originou este estudo, nos últimos anos, o espaço escolar, tem contribuído bastante para o desenvolvimento lúdico das crianças do Povoado de Porto Alegre, os professores, em especial a professora Herondina Soares Gonçalves, e a professora Francidalva Gomes Borges, utilizam nas suas aulas o lúdico, as músicas, danças e os brinquedos, que fazem parte do aprendizado das crianças, possibilitando, dessa forma que as crianças revivam as brincadeiras e brinquedos tradicionais dos velhos habitantes do seu povoado.

#### 2.4. CANTIGAS DE RODAS: PARA CANTAR E BRINCAR.

As cantigas são elementos importantes, da cultura popular e que contem aspectos do folclore, integrando parte de nossa história de vida, já que elas abordam questões como o trabalho, o amor, a saudade, a tristeza, a alegria e outros temas. No contexto das brincadeiras de roda, encontra-se a expressão oral e corporal, fundindo-se em uma linguagem verdadeira, e de correlação direta com o mundo mágico infantil (CARVALHO, 2006, p. 270).

Através das brincadeiras de roda as crianças exercem maior aproximação uma das outras, de mãos dadas elas giram para a esquerda, giram para a direita, se agacham, sentam, pulam, gritam e cantam, todos esses movimentos é que dão significado a brincadeira. A música ligada expressão corporal exerce um papel fundamental por que as crianças tende a memorizar a letra da música e coreografar os passos (CARVALHO, 2006).

A cultura cametaense é rica em ritmos, danças e poesia. A cultura tradicional está relacionada aos povos descendentes de quilombos, ribeirinhos e rurais de modo geral. O

folclore amazônico, bem como o paraense e cametaense, é constituído por um conjunto diversificado de práticas que reúne música, culinária, artesanato, lendas, mitos, provérbios, religiosidade e a nossa sócio linguística regional. Ritual de música e dança praticada pelos escravos africanos vindos para a região de Cametá desde o século XVIII, espalhando-se pelos quilombos da Micro região do Baixo Tocantins (Museu de Cametá, sd).

Muitas letras de cantigas de roda têm autores desconhecidos, porém certos temas são conhecidos em diversos lugares como: ciranda cirandinha, atirei o pau no gato, caranguejo, peixe vivo, a canoa virou e escravo de Jô. Algumas brincadeiras de roda carregam em sua letra uma simbologia marcante de um povo.

Nas lembranças dos antigos moradores do povoado de Porto Alegre, a brincadeira de roda foi uma das formas de brincar marcada por muitos sentimentos, por que envolve amor, amizade e solidariedade. Nossos entrevistados contam que quando as crianças se reuniam para brincar de roda, às vezes ainda acompanhadas de um pôr do sol radiante ou de um luar intenso, era um momento muito divertido. Neste sentido dizem lembrar-se de várias as cantigas de roda que embalava a brincadeira, e atualmente ainda embalam as brincadeiras das brincas deste povoado, como:

De baixo da laranjeira,  
Tem uma moça vendendo flor,  
O linda flor, o linda flor para cheirar.  
São flores de casamento  
A Maria vai se casar,  
O Maria deixa disso, deixa disso olha lá.  
Eu sou sozinha mais não posso ficar quero o José para ser meu par.

Nessa brincadeira de roda participam meninos e meninas, que de mãos dadas giram e cantam em voz alta. E a cada vez que se entoa a canção é escolhida uma menina que fica no centro da roda para escolher seu par, essa dinâmica só termina quando estão formados os pares.

É interessante destacar, conforme narram os entrevistados, que as brincadeiras de roda sempre aconteciam após as rezas, a missa, ao termino de alguma festa ou reunião dos moradores do povoado. Nestas ocasiões, de maneira alegre e divertida com toda a simplicidade e naturalidade peculiar da infância, as crianças brincavam e ainda brincam

de roda demonstrando sentimentos de alegria, aconchego e amizade. Observa-se que a cantoria deve ser feita em voz alta por todos os brincantes para dar mais animação na brincadeira.

Outra brincadeira de roda muito lembrada e comentada pelas brincas no povoado é a do sapatinho branco:

Sapatinho branco em tudo fica bem  
Mas é só na Maria que fica melhor,  
Se ela já namora eu também já namorei,  
Foi com o José que ela se casou,  
Teve doce sorvete e guaraná,  
Só que não teve cachaça com limão.

Outra brincadeira de roda que se destaca é a da Pombinha Branca, na qual também podem participar meninos e meninas, a regra é finalizar a brincadeira indicando o nome de todos que estão participando da roda.

Pombinha branca o que está fazendo  
Estou lavando louça pro meu casamento,  
A louça é muita eu sou vagarosa  
Eu tenho fama de ser preguiçosa,  
Vai falar a teu pai o menina  
Para casares comigo  
Ou menina se ele falar que sim  
Tratarei dos papeis  
Se ele falar que não  
Morrerei de paixão.  
Palpa, palma, palma, o menina,  
Pé, pé, pé o menina,  
Roda, roda, roda, menina,  
Abraça quem tu quiser.

Como se pode observar, algumas cantigas de rodas trazem na sua letra significados relacionado ao amor, as meninas e meninos representam de forma teatral seus sentimentos de afeição.

Nas entrevistas que realizei durante a pesquisa no Povoado de Porto Alegre, percebi a satisfação e o enorme prazer das pessoas em falar de sua infância, da sua história. Era um acontecimento real, (re)vivido por elas através das lembranças, e

compartilhado com crianças que fazem parte do universo lúdico e particular daquele lugar. A maneira como organizam, e ainda organizam, os preparativos para a festividade religiosa em honra a santa padroeira, Nossa Senhora da Conceição, demonstra a união e a fé e a perseverança de um grupo, cuja tradição religiosa fazem questão que permaneça até hoje e que caminhem, através dos ensinamentos que transmitem as suas crianças, rumo ao futuro, embora saibamos que ocorrerão transformações, pois sabemos que a cultura tem um processo dinâmico, mas a essência dessa cultura, com certeza permanece entre as gerações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender e conhecer o universo infantil foi necessário percorrer um longo caminho a respeito da história das crianças em períodos diferentes. A criança segundo Áries, era vista como um “adulto em miniatura”, esse conceito esteve associado ao modo de vida que as crianças levavam e como eram percebidas pela sociedade, dividiam o mesmo espaço dos adultos, suas vestimentas se descaracterizavam da infância, suas brincadeiras eram estabelecidas por limitações e regras (ÁRIES, 1981).

Partindo da visão e análises de autores que falam da infância de forma conceitual, foi possível ter uma melhor compreensão de como viviam as crianças em épocas passadas, fossem elas negras, brancas, indígenas ou remanescentes de quilombolas, foram inúmeros males e situações de risco que afetaram esses seres tão inocentes.

Um dos pressupostos para a reflexão sobre as crianças diz respeito às diferentes realidades presentes, quer seja no continente africano, quer seja nas comunidades quilombolas, seja na qualidade de objetos empíricos ou construções analíticas. Ambos são universos marcadamente plurais tanto nos processos internos de organização social das comunidades, quanto na relação dessas comunidades com o meio externo (SILVA, 2011).

Um dos pontos importantes que destaco aqui, a partir da minha leitura, é a troca de saberes entre as crianças indígenas e brancas no período de evangelização, os pequenos índios ensinavam suas brincadeiras aos meninos do reino e esses repassavam suas brincadeiras aos indiozinhos. Da mesma forma, o brincar das crianças negras influenciaram na nossa cultura (DEL PRIORE, 1999). E isso esteve e permanece presente no Povoado remanescente de quilombolas de Porto Alegre.

Muitos brinquedos e brincadeiras presentes nas lembranças dos moradores do povoado são de origem africana ou indígena, a prática de fabricação de paneiros, peneiras, tipiti, arguidas, cuias, assim como os brinquedos feitos de folhas, de pano, de sementes, de palhas e de galho de árvores vêm de seus ancestrais, se caracterizam numa cultura vem passando à gerações futuras, como forma de preservar e reviver a cultura local desse povo.

O brincar no povoado de Porto Alegre esta diretamente ligada ao ambiente natural, observando o cotidiano das crianças é visível perceber que elas não necessitam necessariamente de brinquedos sofisticados para se divertirem, utilizam outros meios como brincar no igarapé, brincar no campo e embaixo das árvores. O contato que as crianças têm umas com as outras no momento das brincadeiras estabelece uma relação de amizade e de socialização entre elas.

Portanto, as brincadeiras presenciais em grupo, proporcionam as reais capacidades de interação social, pelo fato de compreender e compartilhar emoções com o outro. Este aspecto proporciona o desenvolvimento do reconhecimento das pessoas pelo olhar, do ato de se comportar em grupo e saber se expor, se colocar através da fala (RODRIGUES, 2009, p. 27).

É comum encontrar, nas casas que foram visitadas do povoado, brinquedos como objeto de decoração, são bonecas expostas ou carrinhos pendurados nas paredes, esse modo particular faz parte de uma tradição de enfeitar as casas. Se observou que os poucos brinquedos que as crianças possuem, não tem tanta importância para elas, pois preferem brincar no Igarapé, nas árvores, na areia com pedacinhos de madeira ou correndo livremente em grupo pelo campo.

Neste sentido, a relação trabalho e brincadeira para os moradores mais velhos têm grandes significado, pois imbricadas nas brincadeiras estava o aprendizado das atividades que garantiam a sobrevivência do grupo como plantar mandioca, fazer farinha, pescar, caçar, fazer roça.

Após concluir a escrita do presente estudo posso afirmar que o “moderno” e o “tradicional” caminham juntos, conforme já foi ressaltado anteriormente, o povoado de Porto Alegre vem passando nos últimos anos por um processo de crescimento. Da mesma forma, está ocorrendo mudanças nessa povoação, agora os moradores já possuem uma linha de ônibus que facilitou o acesso deles até a zona urbana do município de Cametá, não se pode negar que houve melhoras para a população, e que ela luta por melhor escola, posto de saúde e melhor condição de estrada. Contudo, nos viés dessas lutas pairam também a preocupação de preservar traços históricos, culturais, enfim seus modos de vida tradicional. Desta forma, este trabalho despertou meu interesse de continuar a pesquisa envolvendo temática semelhante na região do baixo Tocantins, onde há uma

particularidade muito grande nos modos de vida, de populações ribeirinhas, indígenas e quilombolas que carregam multiplicidade de história, cultura e saberes próprios desta região.

**FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA:**

**a) RELATOS ORAIS:**

Camille Vitória Prestes da Conceição, moradora de Porto Alegre, aluna da escola local  
Catarina Sacramento da Conceição, moradora de Porto Alegre, aluna da escola local  
Cristovão Soares Gonçalves, 45 anos, agente de saúde, morador do Povoado de Porto Alegre.

Santinha do Nascimento, 85 anos, moradora do Povoado de Porto Alegre

Elizia Alexandrina Soares, mais conhecida como tia guita, tem 90 anos, moradora do povoado de Porto Alegre, casada mãe de 10 filhos todos vivos.

Francidalva Gomes Borges, professora e moradora do Povoado de Porto Alegre

Francisca Prestes da Conceição, 26 anos, moradora do Povoado de Porto Alegre.

Jocelino Meireles Soares, morador do povoado de Porto Alegre.

Laurena Moraes Sales, 11 anos, moradora de Porto Alegre, aluna da escola local

Maria Eduarda Mendes Cardoso, 8 anos, moradora de Porto Alegre

Maria Francisca Prestes da Conceição, 60 anos, moradora do povoado de Porto Alegre.

Maria Herondina Soares Gonçalves, professora e moradora do povoado de Porto Alegre.

Marcos do Espírito Santo, professor da Escola de Porto Alegre.

Silvano Meireles Soares, morador do povoado de Porto Alegre.

Thalita Sacramento da Conceição, moradora de Porto Alegre, aluna da escola local

**b) FONTES DOCUMENTAIS ESCRITAS**

Fichas de Cadastros de Famílias da Secretaria Municipal de Saúde de Cameté, ano de 2013

Certidão de Nascimento;

Certidão de Batismo;

Certidão de Casamento;

Livros e materiais didáticos da biblioteca da escola do Povoado de Porto Alegre

**c) FONTES DOCUMENTAIS IMAGÉTICAS**

Fotografias de acervos familiares da povoação de Porto Alegre

Fotografias que foram feitas durante as atividades de pesquisa no Povoado de Porto Alegre.

## BIBLIOGRÁFIA

- ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. In: PRIORE, M.D. (org) *História das crianças no Brasil*. São Paulo. Contexto, 1996.
- ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. O brincar na Educação Infantil. In; Revista virtual EFArtigos - Natal/RN - volume 03 - número 01 - maio - 2005
- ALMEIDA, M.T.P. Os Jogos Tradicionais Infantis em Brinquedotecas Cubanas e Brasileiras. São Paulo: USP, 2000. (Dissertação de Mestrado)
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed Rio de Janeiro: L 1981.
- ATZINGEN, Maria Cristina Von. História do brinquedo – Para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem/Maria Cristina Von Atzingen. – São Paulo: Alegro, 2001.
- BERTOLDO, Janice & RUSCHEL, Maria Andrea de Moura. Jogos, brinquedos e brincadeira – Uma Revisão Conceitual. In: . [www.jogo-brinquedo-e-brincadeira-uma-revisão-conceitual](http://www.jogo-brinquedo-e-brincadeira-uma-revisão-conceitual), 2011.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação/Walter Benjamin; tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flavio Di Giorgi. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhas. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BORBA, A.M. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4 – 6 anos em instituição Pública de educação infantil. 2005. Tese de (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói.
- CARVALHO, Nazaré Cristina. Entre o Rio e a Floresta: Um Estudo do Imaginário e da Ludicidade de Crianças Ribeirinhas. Programa de Pós –Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, 2006 (Tese de Doutorado)
- CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: PRIORE, M.D. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo. Contexto. 1996.

CARVALHO, Nazaré Cristina. O Brincar, a Cultura da Criança e a Escola: Possibilidades do Conhecimento na Educação Física Escolar. Piracicaba-SP, 1998 (Dissertação de Mestrado).

MUSEU DE CAMETÁ. Comunidades Remanescentes de Quilombo em Cametá: breves relatos, sd.

FUNES, Eurípides A. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil : IN REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos. (organizadores). - São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREITAS, Marcos Cezar de. História Social da Infância no Brasil/ - 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, Flávio dos Santos “No labirinto dos rios, furos e igarapés”: camponeses negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, séculos XIX-XX. IN: História Unisinos, Setembro/Dezembro 2006.

HAMZE, Amélia. *O jogo educativo como fato social*. Página visitada em 20 de julho de 2009.

KRAMER, S. Direitos da Criança e projeto político pedagógico de Educação infantil. In: BAZILIO, L; KRAMER S. Infância, educação e direitos humanos. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo, Cortez, 1996, 183 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O Jogo e a Educação Infantil. São Paulo: Pioneira, 1998.

LEAL, Telma Ferraz. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MEIRA, Ana Marta. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH . São Paulo, Julho de 2011.

MEIRA, Ana Marta. Criança, Brinquedo e Tecnologia: Uma Relação Delicada. Milton Magna Bosco – Curitiba 2007.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil colonial: 1726-1950. FREITAS, Marcos Cezar. (Org.). História Social da Infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 1997.

OLIVEIRA, Elisângela Modesto Rodrigues de& RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. O Faz de Conta e o desenvolvimento Infantil: Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013.

ORGES, Dina do Socorro Paiva; OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos & OLIVEIRA, Romualdo Tavares de. Jogos na sala de aula: Brincadeira com aprendizagem significativa. Página visitada em 20 de julho de 2009.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina*. Belém: Editora Açaí, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos*. Paka Tatu: Belém, 2004.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. “O Livro que Vó Madá Escreveu Na Memória”: histórias do antigo quilombo do Mola. Cametá: BCMP Editora 2009.

. PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Os Remanescentes de Quilombolas na Região do Tocantins (PA): História, Cultura, Educação e Lutas por melhores condições de vida*. In: *Dimensões da Inclusão no Ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006,

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto & DOMINGUES, Andrea Silva. *Educação e Memória: práticas educacionais em povoações remanescentes de quilombolas e indígenas na Amazônia Paraense, Brasil*. In: *Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação/III Encontro de Sociologia da Educação – O Não –Formal e o Informal em Educação: Centralidade e Periferias*. Braga, Portugal, 25 a 27 de março de 2013. *Quilombo do Mola: local de ramificação e ponto de partida para uma reconstrução Historiográfica*. XVIII Simpósio Nacional de História- História e Identidade- ANPHU, Recife\ Pernambuco, julho de 1995.

. PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Escravidão, Fuga e a memória de Quilombos na Região do Tocantins – Pará*. In *Revista Projeto História nº 22 – História e Oralidade-PUC/São Paulo*, 2001.

PRIORE, Mary Del. *História das crianças no Brasil – São Paulo: Contexto*, 1999. Vários autores.

RODRIGUES, Luzia Maria. *A Criança e o Brincar – Mesquita* 2009.

RAMOS, Fábio Pestana. “A História Trágico-Marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI” In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999, p.19-54.

SCARANO, Juliano. *Criança esquecida das Minas Gerais*. In: PRIORE, M.D. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo. Contexto. 1996.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev. *A Formação Social da Mente*. Martins Fontes, Sd.

Wikipédia, a enciclopédia livre.



